

LANÇAMENTO DO LIVRO “VULGAR” E ENTREVISTA COM ANDRÉ MEDEIROS MARTINS

Daniel Manzoni-de-Almeida
(O Batman da Santa Cecília)

danielmanzoni@gmail.com

Doutorando - Programa de Pós-graduação em História e Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. Bicha, professor, pesquisador, escritor e militante LGBTQIA+. Um cientista *queer*. Imunologista de ensino e empoderamento para minha comunidade LGBTQIA+. Procura encontrar, por meio das palavras escritas e ouvidas, observar a sociedade que vive. Leitor de “gente perigosa”: Paco Vidarte, Paulo Freire, Paul Feyerabend, Audre Lorde, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lelia Gonzales, Paul B. Preciado, Judith Butler, Helena Vieira, Jack Halbertans, Amara Moira, Monique Prada, Hannah Arendt, Helder Thiago Maia, Marilena Chauí, Guaciara Louro, Boaventura de Sousa Santos, Neon Cunha, Megg Rayara.



FOTO: Andre Medeiros Martins

**LANÇAMENTO DO LIVRO “VULGAR” E ENTREVISTA COM
ANDRÉ MEDEIROS MARTINS**

**LAUNCH OF THE BOOK “VULGAR” AND
ANDRE MEDEIROS MARTINS’S INTERVIEW**

**LANZAMIENTO DEL LIBRO “VULGAR” Y ENTREVISTA A
ANDRÉ MEDEIROS MARTINS**

O presente texto trata de um escrito autoetnográfico em que mostro como a obra de André Medeiros Martins¹, principalmente seu último lançamento – o livro “Vulgar”², me levou a realizar uma crítica literária “ao vivo” e “online” na primeira fase da pandemia em 2020.

DANIEL: (minutos antes de iniciar a gravação da entrevista³): Posso gravar, André?

ANDRÉ: (*sorrindo de canto de boca*): claro, não tenho problema algum com gravação...

Logo no início do percurso da quarentena de 2020 da Covid-19 na cidade de São Paulo meu relacionamento terminou de maneira, digamos, opaca. Todo meu mundo de estabilidade e normalidade ruiu. Eu havia sido descartado como um objeto que se usou e abusou e já não era mais útil. É a ideia, dos nossos tempos líquidos de Zigmund Bauman (2008), de corpos como produtos para consumo. Uma distorção na ideia da mente progressista que toma a liberdade individual e a contamina pela lógica neoliberal: o outro é apenas um corpo para diversão. Eu precisava entender isso para colar os pedaços do meu eu que restava.

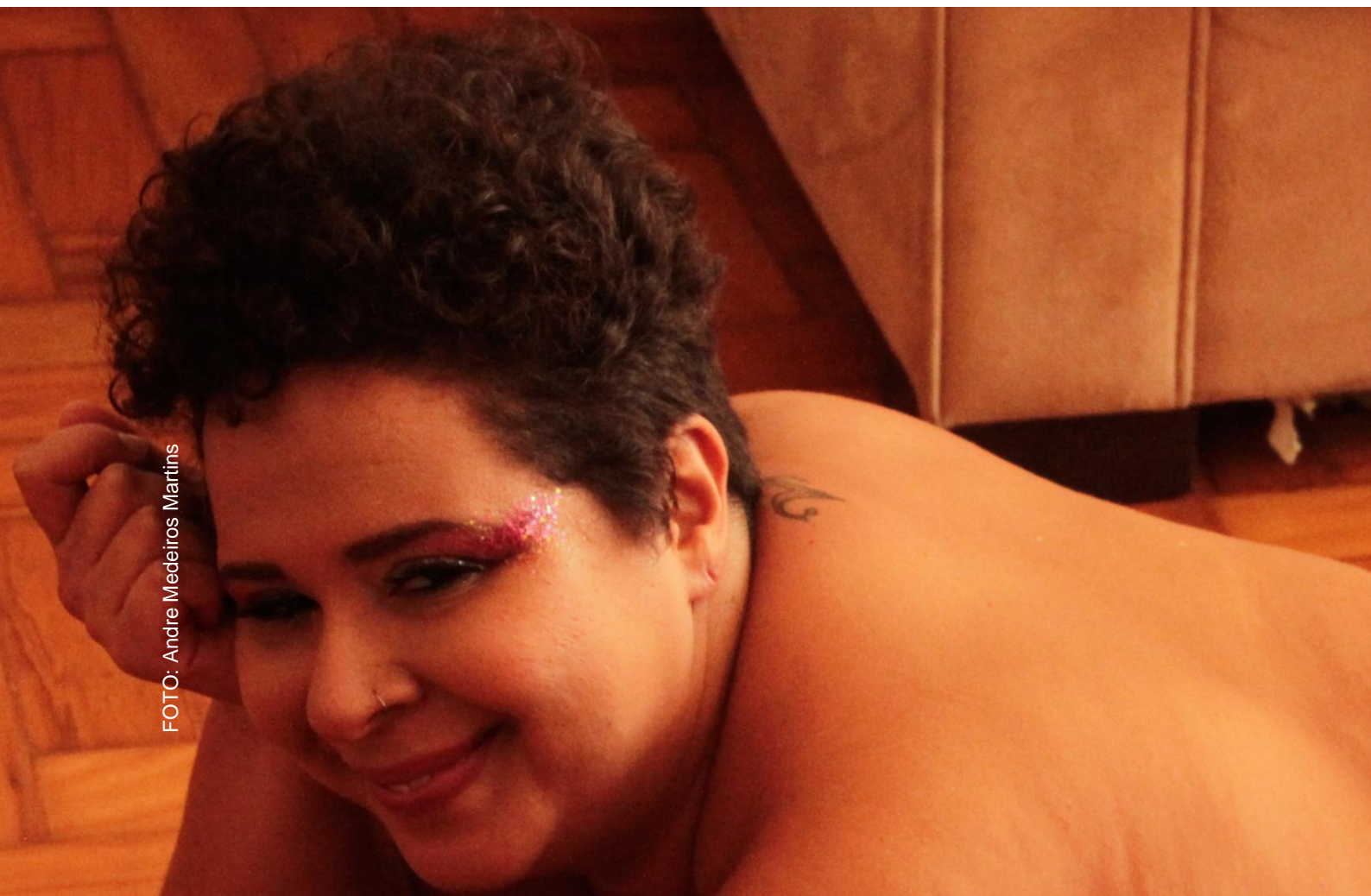
De um lado acompanhava, há algum tempo, o trabalho do artista André Medeiros Martins, que ao meu entender trabalha com a ideia peculiar da liberdade dos corpos em que o outro não é um produto de consumo. Que erro ou vulgar não é o sexo explícito ou pornografia, mas vulgar e erro é quando o sistema em que a sociedade capitalista faz com que indivíduos se usem como consumidores-produtos. Entender essa lógica do consumo do afeto humano como produto é fundamental para entender o verdadeiro vulgar. O melhor espaço para entender essa lógica era o aplicativo de “pegação”. Não há espaço melhor em que a liberdade é confundida com consumo como nesses aplicativos: o outro é apenas um pedaço de carne para o consumo. Foi assim que me joguei no mundo do estranho ou teorizando: no *queer*. Dessa forma, só o caminho da autoetnográfica pode me ajudar a entender o meu mergulho no *queer* (Ellis, 2010). Foi aí que nasceu a personagem “Batman da Santa Cecília”.

DANIEL: O que me chama atenção no seu livro “Vulgar” é a ressignificação que você traz sobre a palavra vulgar. E não é uma ressignificação na tentativa de higienizar a palavra vulgar para que ela seja palatável, mas em uma perspectiva queer, como nos traz Helena Vieira, em que se estamos em uma perspectiva queer somos fracassados. Porém, esse fracasso não nos é pejorativo, mas um orgulho: ser fracassado, na perspectiva da realidade neoliberal, é não obedecer a essa lógica, é ir contra a lógica neoliberal imposta. O que você tem a falar sobre?

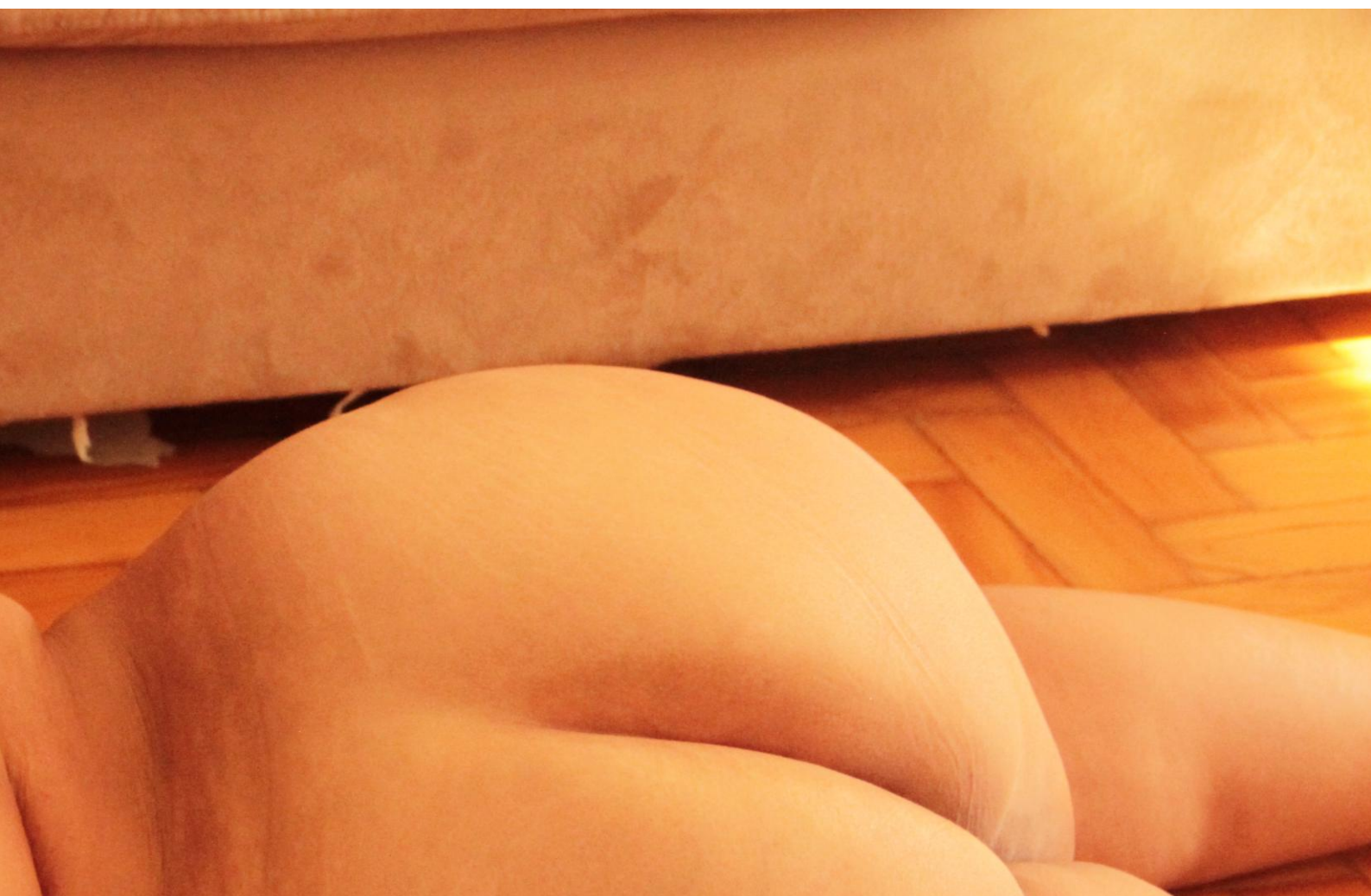
ANDRÉ: Sou bem obsessivo com a quantidade de pessoas que me atravessam. Gosto muito do encontro com as pessoas. Já retratei 800 pessoas. Fui acompanhando como as pessoas se comportam nesses espaços, os espaços do pornô, da nudes, como a gente vai construindo essa autoimagem e como dentro disso, a gente vai eliminando coisas. E é justamente isso que me interessa: o que foi eliminado e porque foi eliminado.

A pandemia me impedia de realizar fisicamente meus desejos físicos. Eu entrei no aplicativo com a intenção de realizar o desejo idealizado do que o desejo concreto. Entrei com uma foto apenas de rosto com uma máscara do Batman e com o codinome de “Batman Santa Cecilia”, o bairro que moro. Eu não havia planejado nada, só queria uma personagem, uma máscara que me permitisse adentrar tudo aqui por o máximo de anonimato possível.

Querida viver o universo do “estranho” dos trabalhos do André que mexia com meus desejos. A fantasia de ser algo que eu não era. De despertar o desejo em outrem talvez por uma personagem como André fazia. A personagem de Batman veio como um impulso que mais tarde na análise descobri que havia sido uma mensagem do inconsciente com uma ligação da justiça, ou seja, de alguma forma eu buscava a justiça do desamor no bairro que costumo chamar, e percebi no aplicativo, de “bairro dos abandonados”: aquele bairro que concentra o maior número de corações partidos da cidade de São Paulo. O bairro das festas do momento, um “Mrs. Dalloway, Mrs. Daloway, sempre dando festas para encobrir o silêncio” de Virginia Woolf.



ANDRÉ: Eu achava estranho a existência de um livro. O livro de arte é muito elitizado. Eu sempre tive muita resistência em criar um livro para ficar em um ambiente em que as pessoas fossem folhear e dizer “Que lindo!”. Prefiro criar vídeos e explorar as mais diversas plataformas digitais para ver as reações das pessoas em dizer o que devo fazer em cada um daqueles ambientes. Mas que tipo de conteúdo eu queria que existisse nesse livro. Foi assim que eu comecei a observar os conteúdos que as pessoas não queriam que existisse. Esses conteúdos que, então, eu queria no livro. “Que lindo livro!”, me deixa irritado, porque não quero um livro lindo. O nome vulgar me veio quando em um evento de fotografia, meu namorado, fazia poses e o fotografo disse para não fazer determinada pose, pois era vulgar. Aí observei que existem determinadas coisas que não se faz, que é vulgar. Vão utilizar a palavra vulgar sempre para o pejorativo. Até mesmo os mais bem intencionados vão tirar a palavra vulgar desse lugar, mas colocar em outro no mesmo tom, ‘ah os políticos que são vulgares e não isso...’, percebe como ainda continua sendo usado pejorativo quando vulgar, em verdade, é algo banal do cotidiano? É que em fato nós não fomos criados para ser vulgar de verdade, mas para ser importantes, nobres, de grandeza.



Por alguns dias eu havia me tornado um “justiceiro do amor” em Santa Cecília. Por alguns dias conheci e fui conversando com caras de todos os tipos no aplicativo. A curiosidade deles para saber quem era o Batman não existia. Queriam saber do corpo do Batman. Tinha de todos os tipos desde aquele que dizia apenas ali para conhecer “pessoas interessantes” para talvez relacionamento sério até aqueles que só queria uma foda. Do meu lado o que eu queria era só conversar. Saber quem eram os “caras interessantes” que haviam sido jogados como bola de boliche para destruir minha autoestima.

As conversas iam para todos os lados. E eram tratativas de fodas de todos os tipos que recebi. Demorei alguns dias para aprender o idioma dali. Há uma linguagem própria nesses aplicativos. Símbolos, emojis, que funcionam como um idioma oficial. Por exemplo, o emoji de raio significa que o cara curte cocaína; o emoji de folha seca, maconha; se a preferência no sexo é ser o ativo ou passivo, o emoji de uma berinjela ou de um pêssigo, respectivamente. Se é os dois uma flechinha para cima e outra para baixo que significa “ambos caminhos são aceitos”. Há aqueles que gostam de sexo sem preservativos e colocam o emoji de gotículas de água que simboliza a gozada. Também há aqueles que gostam de corpos sujos e o emoji clássico da carinha de porco entra na jogada. Conversei com dezenas durante o período de um pouco mais de três semanas. Todos ali, vizinhos. Nunca havia visto tantas fotos de paus e bundas quanto naquele tempo. As carnes mais corriqueiras ali. As mais nobres, o rosto ou o coração, estavam em falta. Vi raros momentos. A pluralidade de desejos e formas de fantasias impressionou. Porém, o que mais impressionou foi a tentativa de passar uma imagem de desprendimento quando se estavam querendo se “prender”. A carne coração estava em falta, mas o espectro do abandono afetivo era o substrato dali.

ANDRÉ: Eu escolhi fotos para o livro que não eram as fotos de que qualquer um escolheria de primeiro. Eu queria que fosse um livro todo cagado, todo rasgado porque a ideia do vulgar é essa: um livro sem tratamentos. Tenho projetos, por exemplo, de teatro com sexo explícito. Sempre ouço que a história que vou contar está bem contada, então, 'pra quê colocar essa cena de sexo dessa maneira?'. Esse 'pra quê?' me é um fantasma! Eu fui piorando infinitamente tecnicamente nos últimos anos o que eu faço. No passado eu fazia coisas mais 'bonita' (faz de ênfase com sinal de aspas). Hoje em dia eu pego uma câmera e saio clicando, sem critério, pois para mim o importante é o registro do encontro com essas pessoas. Esse é o livro.

André batia no meu desejo novamente quando solicitou aos próximos algum roteiro com relato de experiência sexual durante a pandemia para pequenos vídeos. Tomei uma conversa que tive com um deles no aplicativo e transformei em um roteiro. Essa conversa havia me chamado mais atenção porque discutíamos que o beijo era o maior perigo naquela situação. Não existia “PreP” para o coronavírus ainda: “Quando bati na porta do apartamento o celular vibrou no bolso da bermuda no mesmo instante. Era sua mensagem que dizia ‘entra, já estou de quatro’. Na kit-net, a meia luz pela TV ligada no mudo, entrei me despindo, ansioso, coração a mil, jogando minhas roupas pelo ambiente, procurando como um pirata-caçador-de-tesouro, por você. E ali, em uma cama, detrás de um guarda-roupas que dividia a kit-net entre quarto-sala, estava você a minha espera, lubrificado, já para ser enrabado. Eu queria algo mais perigoso para o momento de agora: um beijo. E o roubei sem culpa. Engolindo a língua com fome da inanição provocada pelo afastamento do desejo. As bombadas foram tão fortes que sinto ainda no meu quadril. Quinze minutos durou. Voltei e lavei as mãos com muito sabão” (Água e sabão).

DANIEL: Acredito que seu trabalho é um movimento contra a objetificação das pessoas, que as pessoas sejam descartáveis. Parece ser contraditório quando a gente fala que gravar cenas de sexos ou fotografá-las não seja usar as pessoas. Não é o que acredito no seu trabalho, pois os registros que você faz duram e isso, de certa maneira, é uma valorização do outro.

ANDRÉ: Eu sempre falo para as pessoas que aquilo que vamos fazer, o ensaio, a gravação, vai durar muito, vai durar para sempre. Há fotos no livro que fiz com pessoas faz 7 ou 8 anos atrás, a vida da pessoa já mudou, aquele ensaio já não faz mais sentido para a pessoa, mas aquilo ficou. É ali a matéria, que ficou registrado. É um elo que foi criado, então, não tem como ficar objetificando as pessoas.

Mandei para André com ainda um outro pseudônimo: Édipo. A intenção ainda era descer mais um degrau no “estranho”: eu ainda poderia ser outro. Aquele que não foge ao seu destino de, talvez, ser “estranho”. Mais uma vez o André me influenciando.

DANIEL: Sempre vejo que seu trabalho, principalmente, com seu livro uma crítica as relações neoliberais – que hoje se está e amanhã não se está porque você já não serve mais – seu trabalho traz uma outra perspectiva, o coração da coisa, que é a crítica das relações padronizadas. Você não faz contrato para as suas cenas. Você traz no seu livro uma versão balsâmica da palavra ‘vulgar’, pois o vulgar para você é ser verdadeiro e não padronizado.

ANDRÉ: Eu gosto disso como o que eu faço verbera em você. Para alguns, meu trabalho vai dizer muito, para outros não vai dizer nada, para outra pessoa meu trabalho pode ser horroroso. E está tudo bem.

A participação de André Medeiros no Mix Brasil de cultura e diversidade 2020 teve a apresentação de três projetos diferentes ligados ao sexo. Um longa metragem que fala da sua relação com seu companheiro Hudson. Uma relação que apresenta a liberdade inversa da liberdade capitalizada em que o outro não é um objeto de consumo.



FOTO: Andre Medeiros Martins

Há uma relação com amalgama entre corpo, mente e desejo entre André e Hudson. André e Hudson parecem não se verem simultaneamente como objetos descartáveis um do outro. Isso é uma relação; o segundo é o lançamento do livro “Vulgar”; e o terceiro “O armário no armando”, com base no texto do filósofo Bataille, que mostra as diferentes experiências de sexo explícito em plataformas distintas de mídias.

Em especial, no Mix literário 2020, André fez o lançamento do livro que organizou, “Vulgar”, entrevistado por Alexandre Rabelo. Com o livro “Vulgar”, André Medeiros sintetiza todo esse ser estranho que a gente quer viver. Ser estranho e realizar vulgaridades é a partir do olhar do outro. A perspectiva do outro é que vai categorizar em normalidade ou estranheza. O vulgar e o não vulgar está no olhar moral do outro. O vulgar ainda poderia ser considerado um erro. E foi por esse caminho que André quis organizar o livro trazendo possíveis imagens erradas como forma de construção de algo com a intenção de errado. O que em verdade não é um erro, mas o real, o cru, aquilo que ninguém dá importância por estar cheio de afeto. Trabalhado, higienizado o afeto vai embora e fica mais fácil de ser um produto facilmente consumível. O vulgar que André traz é o produto que ainda não está pronto ou que tenha sido descartado para o consumo e verdadeiro na sua essência causa desconforto.

O que o livro faz pensar em questões como espinha dorsal: o erro ou vulgar não seriam o tratar o outro como objeto de consumo ao invés de corpo com desejo? O vulgar de André Medeiros é apenas uma luz de ética positiva da vivência o verdadeiro de cada um de nós em uma sociedade, sim ela mesma, estranha. A sociedade patriarcal, machista, racista, LGBTQI fóbica e reprimida sexualmente que é o vulgar e errado. A obra de Medeiros é sobre isso. Agradecido, nos despedimos e a entrevista foi finalizada.

NOTAS

1 - Ator, performer e pornografo. Lançou o livro “Vulgar” em 2020.

2 – Martins (2020). Os interessados poderão adquirir o livro na página do Instagram: @projetovulgar.

3 - Entrevista realizada com André Medeiros em 16/03/2021 para compor esse texto

REFERÊNCIAS

Bauman, Zygmunt (2008). Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
Ellis, C.; Adams, T. E.; Bochner, A. P. (2010) Autoethnography: An Overview. Forum: Qualitative Social Research, v. 12, n. 1, p. 1-18, nov.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Almeida, Daniel M. (2021). Lançamento do livro Vulgar e entrevista com André Medeiros Martins. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 01, 139-150.

RECEBIDO EM: 10/05/2021
APROVADO EM: 31/05/2021